

#### 4. CONCLUSÃO

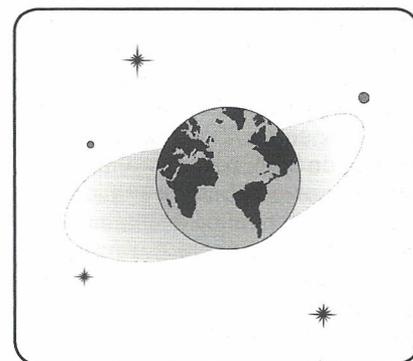
O Divino Amigo fornece roteiro seguro para todos. Sentindo-O e convertendo-nos a Ele, edificaremos em base segura o nosso futuro. De conformidade com o trabalho que livremente executamos, estaremos construindo ou destruindo os valores na senda da evolução que, no nosso nível, razão é progresso

moral e psíquico. Quem não aspira ascender, quem se conserva ocioso na "praça pública", sem esforço auto-educativo, quem palmilha as sendas do mal desce e destrói o próprio eu, extingue a luz da sua compreensão. Quem pratica o bem, quem nunca se contenta com as conquistas já realizadas e procura ascender cada vez mais, sobe e se dilata a si mesmo, cria a própria riqueza de concepção e

potência de alma. A punição e o prêmio são automáticos e inexoráveis. Como companheiro inseparável para a ascensão temos a dor que, pelas reações de Espírito que provoca, é agente seguro de progresso para fases e dimensões superiores no campo da consciência.

Não é, pois, a vida, um fim, mas um meio para outra mais alta finalidade: a **evolução**.

## 50. CATEGORIAS DOS MUNDOS — MIGRAÇÕES



*"Na Casa de Meu Pai Há Muitas Moradas."*

Jesus

#### 1. INTRODUÇÃO

Xenófanés, filósofo grego, fundador da Escola de Eléa, com muita razão afirmou que o antropomorfismo é inerente à constituição mental do homem. E, na verdade, julgamos tudo inadvertidamente, à nossa imagem e semelhança. O próprio Deus, o absoluto, o Incrariado. Causa das causas, que o Areópago de Atenas tinha declarado **incognoscível**, comumente passa aos olhos da alma humana através do prisma da sua personalidade.

"Na origem das coisas, ensinavam os Vedas, o grande Espírito perguntou às almas que criara, qual o corpo que preferiam, e que essas almas depois de terem passado em revista todos os seres, adotaram o corpo humano, como sendo o reflexo da mais bela das formas." O livro dos Vedas é o mais antigo dos livros de cosmogonia religiosa. Desde a mais remota antiguidade, a opinião da grande maioria dos homens não mudou, pois os mais humildes entre os homens não duvidam de que sejam eles a obra-prima da criação e os reis do Universo, e, quando o espírito religioso, sondando a distância que nos separa do Altíssimo, coloca

sobre os degraus dessa distância uma hierarquia de seres superiores, anjos ou santos, não pode achar formas mais belas e mais dignas dessas superiores inteligências do que a forma humana divinizada. Tudo tem o homem humanizado, e não há, nem entre os objetos exteriores mais estranhos — por exemplo, o Sol e a Lua — qualquer que não tenha sofrido a influência desta predisposição geral e que não tenha sido representado sobre uma figura humana.

Contudo, o estado atual dos conhecimentos humanos não mais comporta esse critério, que não tem outro fundamento além da ilusão dos precários sentidos do homem dessa pequena dose de vaidade que cada qual traz quando vem ao mundo. Ao contrário, pode aceitar-se em princípio que, para avaliar criteriosamente a natureza das coisas, importa antes de tudo não tomarmos como termo de comparação, nem como referência, o que nos respeita, mas tratar de conhecer os objetos no seu justo valor. É este um princípio, cuja importância precisamos apreciar e que particularmente devemos aplicar sempre que nos dedicarmos aos estudos dos habitantes dos infinitos mundos que provam o ilimitado.

Lamber, nas suas eruditas cartas cosmológicas, assim como os mais

sábios entre os que se dedicaram ao estudo desta sedutora questão da habitabilidade dos globos celestes, reconheceu a impossibilidade em que nos encontramos de emitir conjecturas plausíveis sobre os habitantes dos outros mundos, e que, obediente às lições da sábia natureza, compreendeu que a força vivificante, cuja influência fez germinar a vida, na origem dos seres, opera em toda parte, segundo os variados elementos inerentes a cada um dos mundos.

"Pode, portanto, afirmar-se que todo aquele, quem quer que seja, **que não disponha senão dos sentidos comuns a todo homem**, que pretenda definir seriamente as raças de outros planetas, caracterizar as suas condições de existência, dar a conhecer o seu estado físico, intelectual ou moral, explicar a sua natureza e o seu modo de ser, pode afirmar-se, dizíamos, que todo homem que emita semelhantes pretensões está sujeito a cair no mais crasso erro."

Se é firme a nossa convicção sobre a verdade da pluralidade dos mundos habitados, devemos pelo menos, por enquanto, diz Flammarion, até que sejam levantados os véus que cobrem esse relativo mistério, renunciar ao título de colonizadores de planetas, sustentando que, no estado

atual dos nossos conhecimentos, é impossível encontrar a solução, ou melhor, explicação indiscutível para esta incógnita.

A fisiologia nos tem demonstrado quanto estão em correlação as produções da natureza com o estado da Terra, quanto estão em harmonia os diversos seres que habitam o nosso mundo com os centros em que vivem, e não têm faltado exemplos para estabelecer a incontestável verdade desta proposição. As produções desta mesma natureza podem variar e variam, segundo os graus de uma escala incomensurável. Começando pelas mais pequenas minúcias da nossa organização, não há uma só que não tenha a sua razão de ser e a sua utilidade na economia vital. Os próprios apêndices, que nos parecem insignificantes, todos têm o seu objetivo no organismo individual. Trocai um elemento na física terrestre — diz ainda Flammarion — cerceai uma força na sua mecânica, fazei sofrer ao mundo uma modificação qualquer na sua natureza íntima, e vereis o que resultará: uma vez modificadas as condições de habitabilidade, a habitação atual dará lugar a outra. Atenuai sucessivamente a intensidade da luz solar, até a tornar igual, por exemplo, ao que ela é na superfície de Urano, e, sucessivamente, os nossos olhos perderão a faculdade de ver, sem deslumbramento, os objetos expostos à nossa atual iluminação. Aumentai, pelo contrário, esta intensidade, e já não veremos claro no nosso pleno dia. Fazei com que o som deixe de propagar-se e as nossas futuras gerações serão compostas de surdos-mudos, falando com a linguagem dos sinais. Já dissemos em outra parte, transmitindo os conceitos emitidos por “Sua Voz”, que a “função aperfeiçoa os órgãos e estes desenvolvem-na”, numa ação concomitante. Abandonada, portanto, a função, atrofia-se e desaparece o órgão.

A vida em cada globo depende da soma dos elementos especiais existentes em cada um deles e varia como neste mundo, sofrendo dentro deles modificações graduais. Se a vida é inerente à própria essência da matéria, é suscetível de uma diversidade indescritível. Pode-se assegurar que os órgãos existentes em nós de um determinado modo, porque

preenchem um determinado fim e se desenvolveram gradativamente segundo as necessidades impostas pelo meio ambiente, são diferentes nos planetas onde não podem realizar-se as mesmas funções a desempenhar. Este é o modo de proceder da natureza, aqui como em toda parte e seria este o modo como ela procederia, se as condições terrestres chegassem a sofrer uma alteração que não fosse bastante violenta a ponto de destruir os habitantes da Terra; foi este o modo como procedeu em outros tempos, para a sucessão das espécies na superfície do nosso orbe, durante os seus períodos primitivos.

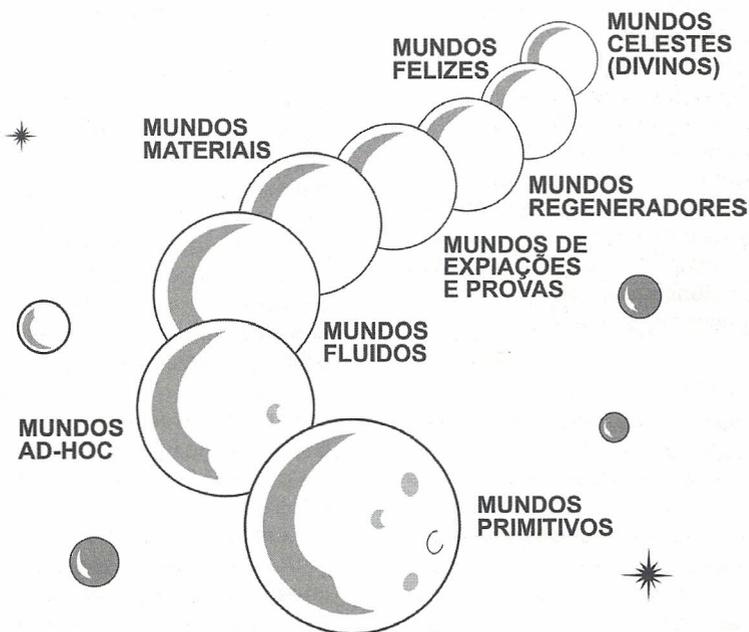
Pelo exposto, não julgamos possível a realização do sonho alimentado por cientistas de todas as épocas, no sentido de conseguirem a intercomunicação, por meios mecânicos, entre planetas, ou entre habitantes deste mundo com outros de outras esferas.

Abordando o tema “Categoria dos Mundos Habitados”, assim se expressa o insigne mestre Allan Kardec: “Depreende-se dos ensinamentos dados pelos Espíritos que os diversos mundos estão em condições muito diferentes uns dos outros, quanto ao grau de adiantamento e de inferioridade de seus

habitantes. Entre eles há os habitantes que são ainda inferiores aos da terra, física e moralmente; outros estão no mesmo grau e outros são mais ou menos superiores sob todos os aspectos. Nos mundos inferiores a existência é inteiramente material: imperam as paixões soberanamente e a vida moral é quase nula. À medida que esta se desenvolve, diminui a influência da matéria de tal modo que, nos mundos mais evoluídos, a vida é, por assim dizer, inteiramente espiritual”.

Conclui-se, portanto, pelo exposto, que o Universo oferece ao Espírito todos os meios, condições e posições possíveis a constituir e reconstituir para si um corpo na matéria, para que realize sua ascensão progressiva, em busca de meta suprema: Deus!

Cada gota do infinito oceano de mundos e de estrelas que divisamos, e outros ainda que se ocultam ao nosso olhar perscrutados na imensidão do espaço, apresenta um sustentáculo à vida sem limites, nas mais variadas e apropriadas condições para o Espírito enfrentar as provas, realizar as experiências, as mais variadas e úteis a todos os tipos de diferenciação, em todas as fases e níveis de existência. Por todo o espaço ilimitado palpita a vida e a



consciência e sem cessar ressoa em todos os recantos o palpitante labor da evolução que é a lei universal.

Podemos, pois, dar uma classificação, mais ou menos próxima da realidade, sobre os **mundos habitados**, segundo a exposição que passamos a fazer:

## 2. MUNDOS PRIMITIVOS

É dado este qualificativo aos mundos acabados de sair dos **fluidos incandescentes**. Quando os planetas estão devidamente preparados para neles se manifestar a vida diferenciada, após o insano e abnegado trabalho dos artistas da criação no estudo das formas e na manipulação dos fluidos da vida que devem se adaptar às condições físicas de cada planeta, trabalho todo este desenvolvido sob a direção amorosa e sábia dos Cristos ou Messias, **são os germes da vida aí depositados**. Desenvolvendo-se e progredindo gradativamente, passam esses germes ou princípios de vida por todas as fases necessárias à conquista de uma consciência cada vez mais ampla, tornando ativas as potencialidades latentes, até que a evolução do planeta e das espécies que o habitam permitam, em chegando a época propícia, o aparecimento neles do homem, ou do ser consciente de si mesmo, senhor de um relativo livre-arbítrio que lhe permite a livre escolha no caminho a seguir, tornando-o responsável pelos atos que pratica. Sob a orientação dos seus governadores e guias de suas humanidades, são realizados nesses novos mundos, ensaios após o aparecimento dos primeiros seres vivos, até que são estabelecidas linhagens definitivas para todas as espécies que devem servir de "hábitat" às unidades de consciência que, em tempo oportuno, passarão a animá-las.

## 3. MUNDOS "AD HOC"

Após terem os seres completados os ciclos de uma determinada fase ou reino, como denominamos nós, e os séculos terem completado as experiências nos tipos ou espécies primitivas, sofrem eles, nesses mundos chamados "ad hoc" ou mundos elementais, as necessárias adaptações, nos seus invólucros, a fim de que estes possibilitem a manifestação de outras faculdades ou atributos do ser a caminho da evolução. Com referência ao nos-

so mundo, assim se expressa o esclarecido e generoso Espírito Emmanuel, no que diz respeito à fase de adaptação a que foram submetidos os seres já humanos e que se encarnariam na Segunda Raça-Mãe da nossa Humanidade: **"as hostes superiores do plano invisível operam nesses mundos uma definitiva transição no corpo perispiritual preexistente dos homens primitivos**, o que provocou, conseqüentemente, transformações viscerais na estrutura dos antepassados das raças humanas, permitindo a aquisição de razão e de outras possibilidades até então desconhecidas pelos antecedentes do homem". Ante uma possível admiração, responde Emmanuel: "Também as crianças têm os feitos da infância corrigidos pelos pais, que as preparam em face da vida, sem que, na maioridade, elas se lembrem disso".

## 4. MUNDOS FLUIDOS

Alguns autores se referem a mundos dessa espécie, destinados, segundo eles, à habitação de Espíritos que desde o início de seu aprendizado, como seres conscientes, nunca faliram. Este fato os possibilita a progredir no estado fluídico, sem necessidade, portanto, de se encarnarem em mundos materiais, propriamente ditos, de provas e expiações.

## 5. MUNDOS MATERIAIS

São mundos onde os Espíritos iniciam seu aprendizado partindo da simplicidade e da ignorância, desenvolvendo-se e progredindo gradativamente. O grau de densidade da matéria que os constitui, é mais ou menos densa, de conformidade com o estado de progresso. São assim esses mundos materiais ou menos inferiores ou superiores, mas através dos tempos, acompanhando o progresso dos seres que os habitam, alcançarão a categoria dos mundos superiores ou celestes, destinados a Espíritos que já alcançaram o estado de pureza. É natural que as condições de existência física e moral variem de um mundo material para outro, obedecendo sempre as condições evolutivas de seus habitantes. Em relação à Terra, podemos formar uma ideia das condições de um mundo inferior, supondo o homem no estado selvagem como aqui ainda o vemos e que é resto do seu primitivo

estado. Nos mundos mais atrasados, os seres que os habitam são ainda de algum modo rudimentares: têm forma humana, mas sem beleza; predominam os instintos animais, sem qualquer noção do justo ou do injusto; a delicadeza dos sentimentos e a benevolência, desconhecidos; aí a única lei que impera é a da força bruta. Desconhecidas são as indústrias e, sem invenções, todo o tempo do homem ou de seus habitantes é empregado na luta para a conquista dos alimentos, em obediência à lei de conservação do indivíduo.

Não estão, porém, essas criaturas abandonadas; no interior das trevas da inteligência há, latentes, a vaga intuição de um Ser Supremo.

Não se tratam, portanto, de seres degradados, mas crianças que crescem em busca de uma consciência cada vez mais ampla.

Natural que seja grande a variedade entre esses mundos, assim como entre outros de uma mesma categoria havendo entre eles inúmeros degraus.

Creemos que os mundos que formam o nosso sistema solar são mais ou menos semelhantes quanto à sua constituição física, variando, naturalmente, quanto à densidade dos elementos que entram na sua constituição, de conformidade com a categoria que ocupam na escala evolutiva dos mundos; cremos ser, também, mais ou menos semelhante a forma dos seres que os habitam, embora haja grande variedade quanto à situação ou ao grau evolutivo físico, moral e intelectual de seus habitantes.

## 6. MUNDOS DE PROVAÇÕES E EXPIAÇÕES

São ainda esses mundos materiais. Entre eles está incluída a Terra que habitamos. A superioridade da inteligência num grande número de seus habitantes indica não serem eles mundos primitivos, destinados a encarnação de Espíritos em início de evolução. As **qualidades inatas** são provas de Espíritos já vividos e que já realizaram um pequeno progresso; mas suas acentuadas imperfeições, caracterizadas nos vícios a que se inclinam, são indício de sua pouca evolução moral. Destinou-lhes Deus condições de vida difíceis, para expiarem suas faltas por meio de um penoso trabalho e pelas misérias da

vida, até que hajam aprendido as leis do bem e se tornem dignos de passar para mundos mais felizes.

A variedade desses mundos deve ser muito grande; sua gradação deve se estender ao longo da respectiva escala, desde os apropriados aos seres mais primitivos, passando pela longa série dos mundos apropriados à aquisição de todas as experiências preliminares, bem como a proporcionar aos Espíritos todas as provas e meios para retemperar-se na luta pela dor e pelos sofrimentos a que fazem jus pelos seus desvios. São verdadeiras escolas-oficinas, onde, pelo trabalho, pelo estudo e pelo gradativo aperfeiçoamento moral, num verdadeiro e penoso esforço para a sua desmaterialização, vai o Espírito, pouco a pouco, desenvolvendo os poderes e atributos que traz em latência, para a conquista dos supremos valores para a vida eterna. Descem a esses mundos, periodicamente, missionários do bem, e em épocas de grande degradação, em que há perigo de destruição em consequência das reações determinadas pela soberana lei sobre suas humanidades, num vivo testemunho de amor e abnegação, neles encarnam-se seus Messias que, pelos ensinamentos que ministram e pelos exemplos de amor, de renúncia, de piedade e de perdão com que pautam sua conduta, oferecem elementos para que seja restabelecido, de alguma forma, o equilíbrio exigido pela já referida lei. Esses messias deixam, assim, a esses povos, códigos de conduta que, se seguidos, os conduzirão à conquista de sua libertação espiritual. Quase sempre são missionários ou messias, sacrificados pela ignorância e pela maldade dos seres infelizes que habitam esses mundos inferiores. Não raro, a evolução das humanidades dos mundos de provas e expiações é auxiliada por Espíritos degredados de outros orbes mais adiantados, de onde são banidos em épocas de expurgos que, periodicamente, se processam em todos os mundos do Universo, cujas humanidades ainda não atingiram a perfeição. Há, também, entre esses mundos materiais, os que servem de habitação a Espíritos prestes a entrar na fase de regeneração. Nosso planeta atravessa atualmente a fase de transição que lhe permitirá

ascender na escala dos mundos, passando da categoria de mundo de provas e expiações para a de mundo regenerador. Aliás, como já dissemos, todos os mundos evoluem com suas respectivas humanidades e no decorrer dos milênios vão passando de uma a outra categoria, até atingirem a de mundos celestes.

### 7. MUNDOS REGENERADORES

Nesses mundos encarnam Espíritos em fase de regeneração e que, apesar do seu já acentuado progresso, ainda têm o que expiar para que, progressivamente, saiam da materialidade. Neles já predomina a força do direito, em vez do direito da força, como o meio mais empregado para a solução das pendências entre os seus habitantes, mesmo já em grau intelectual bastante avançado. As guerras, portanto, já não são o processo usado para solucionar as questões surgidas entre os seus povos; elas são julgadas inúteis e contrárias ao bem e à razão. A fraternidade e a solidariedade são aí praticadas pela maioria das humanidades que os habitam. Nessa categoria de mundos onde os Espíritos acabam sua depuração, entrará o nosso orbe, após este ciclo doloroso que vivemos e quando os seus habitantes, em sua grande maioria, aceitarem, sentirem e viverem os postulados evangélicos, ensinados e exemplificados pelo nosso Divino Mestre e Governador, reunindo-se, sob sua égide misericordiosa e compassiva num só rebanho.

Apesar de tudo o que temos dito, convém termos em mente que a diversidade das manifestações da vida no Universo infinito é também infinita. Assim há infinitas variedades de formas através das quais a Vida Una se manifesta, assim como meios de manifestação de sentidos que fogem à nossa atual compreensão. Não somos padrão em sentido algum; os meios variando ao infinito, também ao infinito variam as expressões da vida, através das formas infinitas e mutáveis.

Servem, portanto, os mundos regeneradores, de transição entre os de expiação e os mundos felizes, não se encontrando ainda aí a perfeita felicidade. Sendo o homem ainda carnal, está sujeito às vicissitudes de que só se libertam os seres completamente desmaterializados; ainda

restam provas a passar, embora sem as dolorosas consequências que predominam neste nosso mundo, na atualidade.

### 8. MUNDOS FELIZES

São habitados por Espíritos já regenerados, depurados de todas as más tendências. Neles só impera o bem; o mal já foi totalmente vencido. Sua variedade é como a dos demais mundos já descritos, grande, e os há inferiores e superiores uns aos outros, na sua categoria. Esses mundos, como os Espíritos que os habitam, já se acham no início do período de semi-fluidez, iniciando-se aí a desmaterialização do corpo denso. Pelo exposto, é lógico que os meios de manutenção da vida física, variem de uma para outra categoria de mundos. Podemos, pois, supor que em vez de serem combinados ou misturados na constituição dos corpos sólidos ou líquidos, os alimentos, nos mundos superiores, se encontrem em estado gasoso na formação de suas atmosferas, sendo estas naturalmente nutritivas, dispensando dessa forma, a digestão e as funções grosseiras comuns às nossas atuais condições. Da mesma forma, mundos há inferiores ao nosso, onde essas condições necessárias à manutenção da vida, são ainda mais difíceis de serem obtidas. Flammarion, o inspirado poeta da astronomia, refere-se no seu magnífico livro *Narrações do Infinito*, a um mundo inferior ao nosso planeta, onde os seres que o habitam estão ainda submetidos a maiores dificuldades do que os habitantes da Terra, para nutrirem os seus corpos materiais. Dispõe esses seres do ar que, à semelhança do que ocorre aqui, se acha disseminado na atmosfera do mundo que habitam; entretanto, o oxigênio que absorvem seus pulmões só os alimenta três quartas partes; necessário é, portanto, que busquem o que se pode denominar — seu oxigênio — e, sem tregua, estão condenados a fazer funcionar seus pulmões e a preparar ar nutriente, sem jamais dormir e sem nunca se saciarem desse ar, por isso que, a despeito de todo o trabalho que desenvolvem continuamente, só o podem absorver em pequenas proporções de cada vez.

Passam, assim, esses seres, a vida inteira, e sucumbem por esse

gigantesco esforço. Esse planeta, segundo Flammarion, está situado no sistema Andrômeda. As formas desses seres, segundo ainda o mesmo autor que os classifica também como raça humana, é um pouco a das sirenas da antiguidade, mais ou menos elegante, e aproximando-se do organismo da foca.

A citação aqui feita é apenas uma das inúmeras formas de vida narradas pelo grande astrônomo em suas obras. Escapa, às mais arrojadas antecipações da nossa imaginação, a diversidade reinante na constituição das formas que o Espírito plasma para sua manifestação e ascensão. E quanto mais penetrarmos na maravilhosa obra divina, mais sentiremos crescer a nossa pequenez.

## 9. MUNDOS CELESTES OU DIVINOS

Pouco ou quase nada sabemos de positivo a respeito desses mundos ditosos. Os elementos que entram na sua formação devem, no entanto, pela lei natural, ser de

extrema fluidez. A eles só podem ter acesso os puros Espíritos. Sabendo, como sabemos, que evolução é sinônimo de desmaterialização, natural que os mundos em sua escalada ascensional se vão desmaterializando assim como os Espíritos. Assim, na passagem de uma a outra categoria de mundos, há um processo de gradativa desmaterialização, perdendo os mundos peso físico, assim como os Espíritos perdem, ascendendo, peso específico. Essa ascensão aproxima os mundos, ou os sistemas de mundos, de outros sistemas de maior vibratibilidade e, portanto, de maior luz. Uma coisa é certa: A predominância do bem nesses mundos celestes ou divinos; há perfeita harmonia entre os Espíritos que os habitam, perfeita sintonia com as Leis Divinas, sendo todos os seres que os povoam colaboradores conscientes e diretos do Criador, na direção do Universo. Os Espíritos, habitantes dos mundos divinos, go-

zam de ampla liberdade; são sábios e amorosos ao extremo; têm da justiça perfeito senso e já perderam o contato com os planos inferiores, dos quais estão muito afastados. Sua variedade é, como a dos demais mundos, muito grande.

Os Espíritos, libertos da materialidade, irradiam energia sublimada e condensam a matéria quando disso têm necessidade.

Muito embora, nos mundos inferiores, os Espíritos estejam ligados à matéria na proporção de sua inferioridade, não o estão como a tartaruga no seu casco ou pássaros na gaiola; gozam de relativa liberdade nos momentos de meditação ou elevação espiritual e, também durante o repouso do corpo material, durante o qual há uma libertação relativa, segundo o grau de sua elevação.

De uns para outros mundos de categoria mais ou menos semelhantes, há migrações de Espíritos e, na evolução, Espíritos de um mundo inferior a outro de superior categoria.

## 51. IMORTALIDADE



*“De tal maneira a imortalidade da alma nos diz respeito e toca-nos tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para considerar esse problema com indiferença.”*

*Pascal*

### 1. INTRODUÇÃO

Sabemos, diz Gabriel Delanne, ser o Espírito absolutamente imaterial, embora não consigamos conceber muito bem o que seja a absoluta imaterialidade, a não ser algo sem qualquer semelhança com aquilo que fisicamente conhecemos.

Também não podemos conceber o espírito sem o invólucro que o individu-

alize, sem o qual lhe seria impossível a vida de relação com o mundo exterior. Assim, no nosso plano de vida, o corpo humano é o meio que possibilita ao Espírito contato com as coisas materializadas. Desta forma, lógico é também, que após a morte, tenha o espírito, em qualquer plano em que se manifeste, outro invólucro para poder estar em relação com o meio ambiente, sem o que perderia a sua individualidade. Isto foi comprovado em todas as épocas pelas aparições de pessoas “mortas”, a videntes e a não videntes, pela materialização e nos sonhos e sempre com a forma terrena. Possivelmente se devam a este fato as primeiras noções da imortalidade do Espírito.

É de todos conhecido o fato de que os homens de diversas épocas sepultavam seus mortos e colocavam em seus túmulos **armas e objetos** de uso pessoal; natural, portanto, que esses povos primitivos tenham tido a ideia ou a intuição da continuação da vida sob outra forma, embora muito vagamente.

### 2. AS CRENÇAS ANTIGAS NA IMORTALIDADE

Entre os povos mais primitivos das mais remotas épocas houve sempre a crença na imortalidade do Espírito.

Os hinos de Rig-Veda, que são os mais antigos testemunhos que se conhecem sobre a sobrevivência do

Espírito, nos falam que os homens que viviam junto ao Himalaia, ao Sapta Sindhou (país dos sete rios), possuíam já intuições precisas sobre o após "morte".

"O céu védico era a morada definitiva dos deuses imortais, sede da luz eterna, origem e base de tudo quanto existe, mansão de constante alegria, de prazeres infindos, onde os desejos se realizam logo que nascem, e onde o ariano fiel gozará a vida eterna".

Ora, não cremos que homens com tão acentuada intuição sobre a imortalidade aceitassem a possibilidade de galgarem planos tão elevados, apesar de possuírem tão restritas faculdades e de estarem tão intimamente ligados à Terra, senão por um processo miraculoso, ou seja, pela violação das leis naturais. Supomos serem eles crentes de que alguma coisa existente no homem, além do seu corpo material, seria o herdeiro dessa bem-aventurança. De outra forma, como poderia o corpo físico vencer seu peso específico, livrar-se no espaço e atravessá-lo em busca da região dos deuses?

Na tradição egípcia, das mais remotas eras, constatamos a afirmação de fé na segunda vida do homem, em lugar de onde ninguém pode voltar, e onde vivem os antepassados.

A mais antiga crença egípcia via na morte, apenas a suspensão temporária da vida. O corpo, criam os egípcios, recuperava o sopro, e ia habitar muito longe, pelo oeste do mundo.

Mais tarde, e mesmo talvez anteriormente às primeiras dinastias, criam que somente "uma parte do homem" é que continuava vivendo uma segunda vida. Não era uma alma; era um corpo diferente do primeiro, porém dele derivado, mais leve e menos material. Este corpo, quase invisível, originário do primeiro corpo mumificado, estava submetido a todas as exigências da vida corpórea; necessário, portanto, alojá-lo e vesti-lo; sua forma, no outro lado da vida, reproduzia o corpo carnal, pela semelhança. Era o **duplo**, ao qual se rendia o culto dos mortos no antigo império.

Entre os chineses, o sentimento da sobrevivência impôs-se desde a mais remota antiguidade. Thian ou Chang-si era chamado o céu. O culto dos Espíritos e à alma dos

antepassados era tributado. Confúcio, o grande sábio e santo chinês, respeitou essas crenças antigas e admirou-se das máximas escritas havia mais de quinhentos anos (da época em que viveu) no pedestal de uma estátua de ouro no templo da Luz, destacando-se esta: "Quer falando ou agindo, não penseis ainda que estejais sozinho, que não sois visto ou ouvido; os Espíritos são testemunhas de tudo". (La Magie et l'Astrologie, Maury)

Povoam os céus do Celeste império, como na Terra, não só os gênios, mas também os Espíritos dos homens que viveram neste plano. Cultuam-se lá os Espíritos e os antepassados.

O Budismo, que mais tarde penetrou na China, assimilou as antigas crenças e continuou as relações com os "mortos".

Na Pérsia, Zoroastro ensinava que abaixo do ser incriado, eterno, existem duas emanações opostas, possuindo cada qual determinada missão.

Ormuzd é encarregado de criar e conservar o mundo; Ahriman deve combatê-lo e mesmo destruí-lo, se isso lhe for possível. Refere-se a gênios celestes ajudantes de Ormuzd no trabalho de criação; mas há também uma legião de Espíritos, de gênios, pelos quais pode considerar-se o homem como tendo em si algo de divino. A missão destes gênios, inevitável em cada ser dotado de inteligência é, ao mesmo tempo, de inspirador e vigilante. Temos aqui a teoria do eu superior e, sob outro ponto de vista, a dos anjos da guarda.

A Grécia também possuía, desde a mais remota antiguidade, reais conhecimentos sobre a imortalidade e o mundo espiritual.

Em Homero, os moribundos profetizam, e a alma de Pátroclo visita Aquiles em sua tenda. "De conformidade com a doutrina da maioria dos filósofos gregos, todo homem tem por guia um demônio particular (Daimon, chama-se então aos Espíritos), no qual personificava-se a sua individualidade moral".

Sócrates e Platão preenchiam o intervalo entre Deus e o homem com Espíritos, aos quais chamavam gênios tutelares dos povos e dos indivíduos, e inspiradores dos oráculos. A alma preexistia ao corpo e vinha ao mundo

dotada de conhecimento das ideias eternas. Sócrates tinha um demônio, um Espírito familiar que conversava com ele continuamente, e cujos conselhos seguia em todas as suas deliberações.

Os primeiros cristãos acreditavam na existência de uma substância mediadora, naturalmente obedecendo à consequência lógica de explicarem a ação do Espírito sobre o corpo material.

O grande Paulo, o Apóstolo da gentilidade, fala por diversas vezes, em suas cartas, do corpo espiritual, imponderável, incorruptível.

Poetas eminentes como Dante, Milton e outros, além de testemunharem em suas obras a crença na imortalidade da alma, julgaram também, indispensável ter essa alma um invólucro que lhe conservasse a individualidade, conforme se pode verificar na *Divina Comédia* (Purgatório, XXV) e em o *Paraíso Perdido* (Guerra dos Anjos).

### 3. CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMORTALIDADE

A maior e melhor prova da imortalidade do Espírito, pode cada um de nós encontrar em si mesmo. Dos refolhos de nossa alma, surgem a todo instante testemunhos vivos dessa verdade. Ideias inatas e reminiscências de fatos e conhecimentos afloram-se constantemente à nossa consciência ordinária, dando-nos a certeza de que não são ocorrências do presente, por não termos vivido ou aprendido. Embora nos tenha fugido o fio condutor que ligue o presente ao passado ou os efeitos às causas, a verdade é que a permanência em nós dessa acumulação de valores psíquicos é uma realidade evidente. O seu processo de conservação, apesar das sucessivas mortes e renovações orgânicas, segue o seu curso, ininterruptamente, e a simples observação imparcial desse fenômeno já é testemunho bastante de que existe em nós um princípio indestrutível e que tem o poder de reconstruir sempre.

É, pois, a morte, evaporação de consciência, e por seu efeito passa o organismo, num instante, da mobilidade à passividade inerte.

E incapaz e consternada, queda a criatura ante um corpo morto e em vão lhe pede que se lhe resti-

tua a centelha, a vida que dele se evaporou; entretanto, no primeiro momento, a máquina repousa completa; a matéria está ali, toda intacta; órgãos, tecidos, forma, tudo ali está; falta-lhe, porém, a vontade que regia o conjunto, o princípio espiritual que o animava. Desprendido esse princípio espiritual, dissolve-se a sociedade como desagrega-se um exército que perdeu seu general e onde cada um de seus componentes, passa a pensar por conta própria, cuidando de agregar-se a outros exércitos, o que fará tão logo os encontre. Tudo porém, é de novo retomado em novo turbilhão, em novo círculo, novamente utilizado e revive ao sol, para formar unidades mais complexas. Dissolvida a unidade coletiva, as unidades menores procuram logo formar em novo conjunto. À perda de mobilidade segue-se liberação de energia. Nada nunca se destrói em a natureza e, mesmo a morte, por lei universal, tem que restituir intacto o psiquismo que lhe sobrevive indestrutível, indiferente a que a observação dessa sobrevivência escape aos nossos sentidos e aos nossos meios materiais de verificação.

E aquele psiquismo que animava a forma, o veremos nascer de novo, a todo momento, como do mar, por evaporação, renascer as chuvas; renasce aquele psiquismo, individualizado como estava, mais rico de instintos, em obediência à universal lei cíclica, que determina para o início de todo fenômeno a abertura de um ciclo, que se desenvolve, atinge a maturação e retorna à sua origem, para, mais tarde, ser reiniciado de um ponto mais alto, reunindo de novo os seus extremos.

**“Assim como o que não morre (o Espírito) não pode ter nascido, também não pode morrer o que existia antes do nascimento. O que não nasceu com a vida (o Espírito) com a vida não morre”.**

É lógico, portanto, e a essa lógica nos conduz a observação de todos os fenômenos, que apesar da transformação e da mudança da forma, a essência da substância se conserva indestrutível. Da mesma forma, se é evidente a existência de um princípio espiritual que sobrevive a todas as mutações do invólucro, este princípio tem que ser imortal; e

se admitimos a imortalidade desse princípio posteriormente à morte do corpo, temos, pela lógica, e de acordo com o bom senso, de admitir que ele anteriormente também já existia; podemos, assim, concluir ser eterno esse princípio, em face de sua imortalidade anterior e posterior às formas que anima. E se é eterno tudo o que existe, por que nós, desde que existimos, não deveremos ser, também eternos? Que autoridade ou que lei humana pode destruir a férrea lógica e a sobejamente comprovada evidência dos fenômenos?

No homem, a sua consciência latente e que é a sua verdadeira alma eterna, é a que preexiste ao nascimento e sobrevive à morte do corpo. É a essa consciência mais profunda que pertence a intuição. Traçando em si os resultados de todas as experiências já vividas em seu longo percurso, ela é sábia e opina com conhecimento de causa. E a imortalidade será, no futuro, demonstrada cientificamente, quando, progredindo, a ciência atingir essa consciência latente. Para a grande maioria dos homens, essa parte da sua consciência ainda não foi atingida por sua sensibilidade, estando, portanto, ainda, para essa grande maioria,

mergulhada nas trevas. Apenas uns poucos indivíduos excepcionais, antecipando-se à evolução normal em sua época, já se mostram conscientes nessa consciência interior, profunda. Esses médiuns naturais, cuja mediunidade é produto de sua íntima elaboração, de suas tremendas lutas interiores, de imenso sofrimento, de sua evolução, enfim, dizem e ouvem coisas extraordinárias, maravilhosas, porém, são ainda incompreendidos. Esse estado, no entanto, será o estado normal do super-homem do terceiro milênio.

Entretanto, compreendamos bem, como e até que ponto devemos entender essa característica de eternidade, atribuída por nós aqui ao Espírito.

#### 4. O ESPÍRITO DA VIDA UNIVERSAL, ÚNICO: DEUS!

Como reflexo de sua volição na Matéria, se formam dentro desta, Espí-ritos em número infinito, conseqüentes da ação d'Aquela, como sua manifestação.

Estes “Espíritos” existem e são transformáveis; desenvolvem atributos, conquistam predicados, se revestem de qualidades, em razão de sua



**relação com Aquele.** Se **Aquele não existisse**, estes também deixariam de existir ou não teriam nunca existido. Mas como **Aquele é eterno**, estes também se investem da característica de eternidade. **Porém, a eternidade não consiste na peculiaridade das qualidades**, mas sim no fator da existência.

Por exemplo: o ferro é ferro em relação à sua constituição químico-física, como o mármore é mármore pela mesma razão de equivalência. Mas o ferro não é a locomotiva que vemos deslizar tão rapidamente sobre os trilhos, nem o mármore é a Vênus de Milo. O ferro se transforma em locomotiva pela inteligência utilitarista do homem, como o mármore foi transformado em estátua pela genialidade do artista. Mas tanto o ferro, quanto o mármore, podem ser transformados em elementos informes e ser destituídos dos valores práticos e artísticos que particularmente os caracterizam.

## 5. CONCLUSÃO

Graças ao Espiritismo, o problema da imortalidade da alma, outrora do domínio exclusivo da filosofia, pode, desde o advento da 3ª Revelação, ser abordado pelo método positivo. O hipnotismo, malgrado os perigos que encerra se não bem orientado, prestou à psicologia grandes serviços, possibilitando o estudo da personalidade humana e o conhecimento do princípio pensante em suas modalidades de consciente, subconsciente.

Possibilitou ele, ainda, a elucidação de fenômenos muito pouco conhecidos, tais como a sugestão mental à distância, a exteriorização da sensibilidade e da motricidade, que nos conduzem à telepatia e ao Espiritismo.

Sob qualquer aspecto — religioso, filosófico, científico — vem o Espiritismo oferecendo, desde sua codificação, pelo insigne mestre lionês — Allan Kardec — ensino a

todos que desejem certificar-se da imortalidade. O desdobramento da personalidade humana, comprovado através de testemunhos indiscutíveis e observações acuradas de renomados cientistas, as aparições espontâneas, os desdobramentos conscientes, as materializações, estas também comprovadas por um grande número de personalidades ilustres e cientistas abalizados, e todas as manifestações psíquicas que se processam pela mediunidade nas suas mais variadas modalidades, tais como fenômenos de incorporação, voz direta, psicografia, psicometria, intuição etc., são fatores por demais conhecidos e analisados que, de forma objetiva, dão a todos os que, com sinceridade e pureza de intenções o desejem, a certeza da realidade espiritual e de sua imortalidade.

Deixamos de entrar na análise e explicação dos fenômenos espíritas por se tratar de outro campo, o científico, que escapa às nossas atribuições.

## 52. REENCARNAÇÃO

### 1. REENCARNAÇÃO, LEI UNIVERSAL

Habitualmente, todo passado vivido. Temos assim a indestrutibilidade do Espírito humano. Entretanto ela é, na realidade, um processo que se aplica a todos os seres. A vida de uma flor que fenece, volta à outra flor; o gato que sucumbe a doença ou à velhice, retorna também em outra ninhada.

### 2. QUE É A REENCARNAÇÃO?

Que vem a ser reencarnação? Segundo a etimologia da palavra, pode significar o ingresso repetido num invólucro físico ou carnal. Ora, se há o ingresso repetido, alguma coisa deve reingressar; e reingressar é tornar a

ingressar. Este raciocínio implica desde logo a existência de qualquer coisa permanente que sobrevive ao invólucro que lhe serve de veste. A etimologia da palavra, entretanto, apenas nos diz que as habitações mutáveis ou transitórias são de **carne**, nenhuma referencia fazendo acerca do elemento permanente.

A palavra **metempsicose** é, também, frequentemente usada como sinônimo de reencarnação; ela, porém, não se refere à habitação, mas, unicamente, ao trânsito do elemento psíquico, sendo, até, por alguns, aceita a possibilidade da sua transmigração por espécies inferiores depois de ter animado formas superiores ou humanas, como veremos depois.



Abstraído-se quaisquer outros ensinamentos especiais a **Reencarnação** ou **Palingênese** é palavra que determina uma teoria da existência, segundo a qual um invólucro ou forma de matéria visível é ocupado ou habitado por um princípio imaterial que sobrevive à sua mutação e que logo a seguir à decomposição ou à morte da forma, após intervalo mais ou menos longo passa a habitar outro invólucro ou corpo.

Afirma pois a reencarnação, a existência de um princípio vivo, individualizado ou individuado e imortal, que habita e vivifica a forma corpórea e que, por morte dessa forma ou corpo, passa a outra, após um tempo bastante variado. Deste